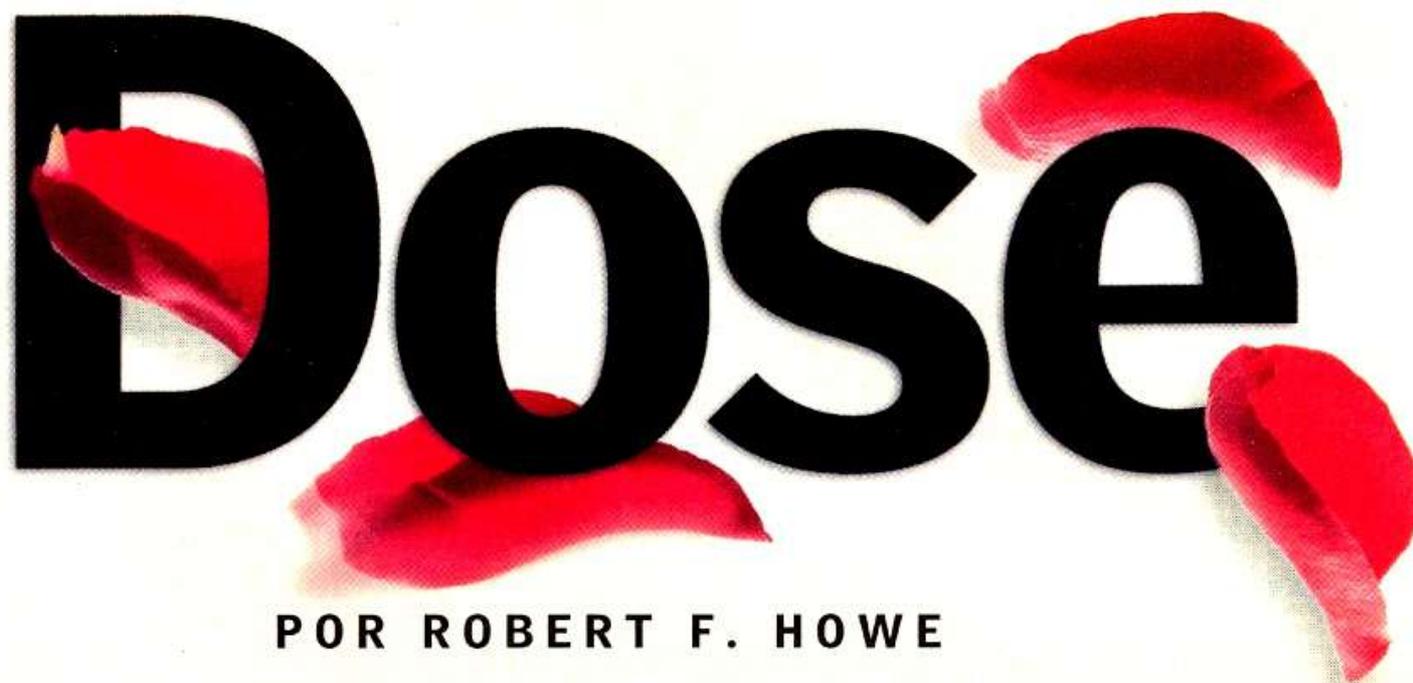


O marido de Kristin Rossum

Dose



POR ROBERT F. HOWE

O atendente da Emergência recebeu a chamada pouco depois das 21 horas. Uma mulher, desesperada, não conseguia acordar o marido. Minutos depois um paramédico chegava ao apartamento de quarto e sala nas imediações do *campus* da Universidade da Califórnia, em San Diego. Empurrou a porta encostada e viu Kristin Rossum, 24 anos, chorando, agarrada ao telefone sem fio. Ela apontou numa direção.

O paramédico correu para o quarto cor de marfim, abarrotado com um computador, duas cômodas e uma cama de casal, o edredom listrado de azul e branco amontoado num canto. No carpete, entre a cama e uma das cômodas, jazia Gregory de Villers, 26 anos, marido de Kristin havia apenas um ano e meio. A seu lado estava a foto de casamento e, na mesa-de-cabeceira, meio copo do que parecia ser água. Pétalas de

rosas vermelhas espalhavam-se no chão ao redor do jovem.

A equipe médica de emergência que atendeu ao chamado na noite de 6 de novembro de 2000 chegara tarde demais. O salvador de Kristin, o homem que a resgatara da autodes-truição, estava morto.

KRISTIN, UMA LOURA pequenina de olhos cor de avelã, conhecera De Villers seis anos antes, quando tinha apenas 18 anos. A jovem, criada no seio de uma família abastada de Claremont, a leste de Los Angeles, fora dotada de beleza e *pedigree* intelectual. Parecia ter tudo para conquistar o mundo.

Mas não foi o que aconteceu. Por dois anos, desde que um “amigo” a apresentara à metanfetamina cristal – um potente estimulante que causa dependência –, ela combateu os demônios das drogas. Suas notas des-

cometeu suicídio. **Ou não?**

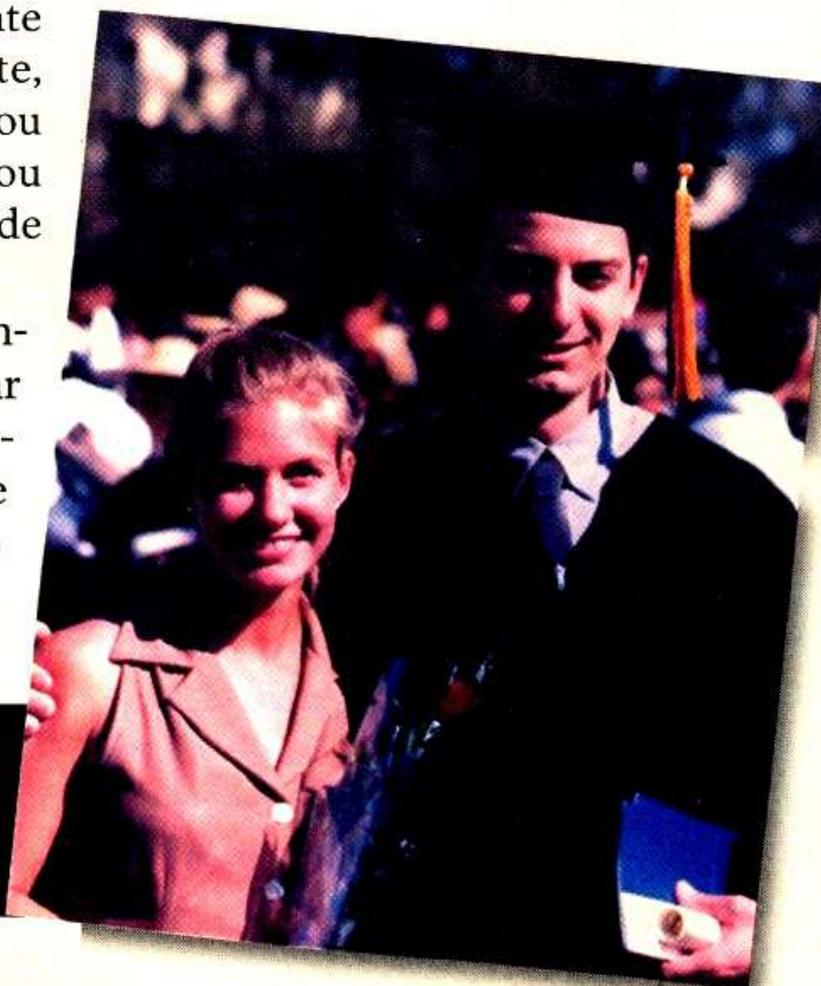
fatal

pencaram e seu relacionamento com os pais se deteriorou. Uma noite, ao tentar sair de casa com drogas escondidas, ela literalmente se atracou com o pai, professor universitário de administração pública que servira no Departamento de Justiça durante o governo Reagan. Em outra noite, depois de discutir com a mãe, cortou os pulsos, em uma malograda – ou pateticamente fingida – tentativa de suicídio.

Apesar de tudo, conseguiu completar o secundário e se matricular numa universidade das redondezas. No entanto, na noite em que conheceu Gregory, em dezembro de 1994, Kristin estava fugindo – não da Justiça, mas de si mesma.

No princípio do relacionamento, Gregory ajudou Kristin a assumir o controle de sua vida.

Sem conseguir se livrar do vício, repetira o ano. Para não encarar os pais, embarcou num trem para o sul, hospedou-se num motel e pegou um bonde para a cidade fronteiriça de Chula Vista. De lá, dirigiu-se à pas-



rela de pedestres que conduzia a Tijuana, no México. “Não sei qual era a minha motivação”, diria mais tarde sobre sua fuga.

Naquela passarela, porém, algo maravilhoso aconteceu. Ela deixou cair o casaco e um jovem o pegou. “Confiei nele assim que o vi”, contou Kristin. Gregory de Villers, na época com 21 anos, de Palm Springs, era o filho mais velho de Marie e Yves Tremolet de Villers, cirurgião plástico francês que mora em Mônaco. A passeio na cidade com os dois irmãos, Gregory teve pena da garota obviamente perturbada e a convidou a acompanhá-los. Kristin foi para a

bioquímica. Enfim ela assumira o controle de sua vida e, até hoje, atribui ao marido aquela vitória.

Com a morte de Gregory, entretanto, o sonho acabou. Suicídio – era a suspeita das autoridades. Uma busca superficial no apartamento revelou um bilhete de amor de outro homem para Kristin parcialmente triturado.

Ela explicou aos investigadores que poucos dias antes avisara a Gregory que o estava deixando. Contou que ele se irritara, bebera e, naquele mesmo dia, ingerira alguns de seus antigos medicamentos para dormir. Talvez,

Quem sabe, teorizou ela, as pétalas mortas simbolizassem o fim do casamento e da própria vida de Gregory.

casa dele naquela noite. “Parecia seguro”, relembra ela. “E eu não queria me sentir só.”

Não saiu mais de lá. Ele a adorava. E, talvez mais importante, oferecia-lhe esperança. Gregory detestava drogas – mesmo remédios comuns – e estava determinado a ajudá-la a se livrar do vício. Deu certo. Enquanto ele concluía o curso de biologia na Universidade da Califórnia, ela se matriculou na Universidade Estadual de San Diego. Casaram-se em junho de 1999, seis meses antes de Kristin se formar com louvor em

imaginava ela, ele tivesse exagerado na dose.

E as pétalas de rosa? Ela não tinha certeza. Gregory havia lhe dado rosas duas semanas antes, quando ela completara 24 anos. Quando murcharam, ela as jogou fora. Talvez ele as tivesse recolhido do lixo. Quem sabe, teorizou ela mais tarde, as pétalas mortas foram o modo que ele encontrou para simbolizar o fim do relacionamento e da própria vida.

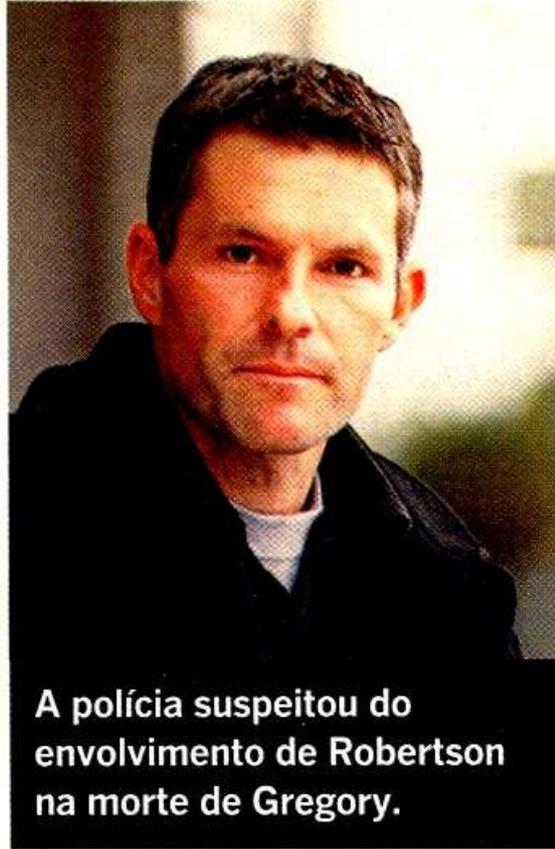
A melodramática teoria pareceu convincente. A princípio. Em 25 de junho, porém, a polícia prendeu

Kristin Rossum por homicídio.

Para aqueles que conheciam o casal, era impensável que Kristin pudesse matar o homem que tanto havia feito por ela. Além disso, ambos pareciam contentes e tinham carreiras que amavam: Gregory trabalhava como gerente de desenvolvimento em uma empresa de biotecnologia e ela, como toxicóloga no instituto de medicina legal do condado de San Diego.

No entanto, semanas antes do casamento, Kristin confessara sua apreensão à mãe e a amigos. Era jovem demais para se casar, dissera ela, e Gregory era obsessivamente protetor. Em seus diários, culpava a mãe por insistir no casamento: “Se eu tivesse recebido o apoio familiar de que tanto precisava, não teria Gregory na minha vida.”

Então, no segundo semestre de 2000, Kristin conheceu o homem de seus sonhos: seu novo supervisor, Michael Robertson, toxicólogo australiano especializado em medicina legal. Apesar de casado, Robertson cortejou Kristin com *e-mails* e presentes, e ela reconheceu nele a alma gêmea que jamais encontrara em De Villers. “Gregory disse que ser romântico custa caro”, Kristin declara-



A polícia suspeitou do envolvimento de Robertson na morte de Gregory.

ria mais tarde em juízo. “Eu retruquei: ‘Uma rosa não custa tanto assim.’” Embora o marido tivesse lhe dado rosas no aniversário, Kristin e Robertson trocaram rosas muitas vezes: “Numa ocasião, eu dei a ele uma rosa vermelha, uma amarela, uma cor-de-rosa e uma branca, e escrevi um bilhete explicando o que cada cor significava para

mim”, conta Kristin.

Kristin confessou a Gregory, em junho ou julho, que estava gostando de outro homem. Indignado, De Villers ligou para Robertson e o avisou que ficasse longe de sua mulher. O chefe de Robertson, que ouvira rumores sobre o caso entre seus dois funcionários, insistiu para que ele pusesse fim à história. Quando, porém, no início de outubro, Robertson e Kristin foram a Milwaukee para um seminário de uma semana sobre toxicologia, a alguns pareceu que os dois quase ostentavam o fato de serem um casal.

Pouco depois, Kristin voltou a usar metanfetamina, levada, disse ela, pelas pressões do casamento que fracassava. Exatamente o que ocorreu nos dias anteriores à morte de Gregory ainda é controverso. Segundo Kristin, seu relacionamento

A autópsia demonstrou que no cadáver havia grande quantidade do potente narcótico fentanil.

com o marido chegou ao fundo do poço em 2 de novembro. Ela lia uma carta de amor de Robertson na sala quando Gregory entrou de repente no apartamento. Tentou esconder a mensagem, mas Gregory, exigindo que ela mostrasse o que estava ocultando, agarrou-a, jogou-a no chão e ergueu a mão como se fosse agredi-la. Ele então recuou, assustado com a própria violência. Embora ela tenha triturado a carta, Gregory encontrou as tiras de papel e passou horas tentando recompô-la.

Três dias depois, conta Kristin, De Villers exigiu que ela pedisse demissão, caso contrário contaria ao diretor do instituto de medicina legal que ela estava dormindo com seu superior e que usava metanfetamina. Na noite seguinte, Gregory estava morto.

Kristin diz que, como o marido despertou naquela manhã arrastando a fala, ela ligou para o escritório avisando que ele não ia trabalhar. Chegando ao instituto, depois das 8 horas, teve uma discussão com Robertson – ela conta que ele ficou furioso ao encontrar seringas na mesa dela. Kristin voltou para casa a fim de se recompor, encontrou Gregory dormindo e retornou ao trabalho.

No fim da manhã, foi para casa preparar o almoço do marido, que, segundo ela, despertou o suficiente para provar a sopa e confessar que, para conseguir dormir, havia ingerido alguns dos antigos medicamentos dela: oxiconona, um analgésico, e clonazepam, anticonvulsivo também conhecido por seus efeitos sedativos.

Ela retornou ao escritório, mas foi embora antes das 15 horas, quando Robertson também saiu. Kristin conta que os dois se encontraram e conversaram sobre o futuro. Ela pediu perdão pela recaída e jurou largar as drogas. Gregory ainda cochilava quando ela chegou, após as 17 horas. Preparou uma refeição rápida, deixou um pouco na geladeira para ele e saiu para comprar o presente de casamento de uma prima. Quando voltou, beijou a fronte do marido adormecido e foi tomar um longo banho. Ao sair da banheira, pouco depois das 21 horas, encontrou Gregory frio e pálido. Imediatamente, afirma ela, ligou para a Emergência.

A autópsia confirmou as suspeitas da polícia de que Gregory morrera de *overdose*, e Kristin assinou a autorização para cremar o corpo.



Entre lágrimas, Kristin recebe a acusação: homicídio qualificado.

Foi então que surgiram as dúvidas. Os colegas de trabalho de Gregory disseram aos investigadores que ele era uma estrela em ascensão e não tinha nenhum motivo para se matar. E, instigada pelos irmãos do rapaz, que afirmaram que ele estava animado com o aniversário que se aproximava, a polícia suspendeu a cremação para que mais exames fossem realizados.

Como esperado, os fluidos do corpo de Gregory continham quantidades discretas de oxicodona e clonazepam, medicamentos que Kristin

disse lhe terem sido recomendados para ajudá-la a se livrar da metanfetamina. Entretanto, os exames também detectaram fentanil, narcótico usado em cirurgias e, limitadamente, no combate à dor intensa. Incolor e inodoro, é no mínimo 50 vezes mais potente do que a morfina e difícil de obter. No cadáver de Gregory havia grande quantidade da substância.

Para a família de Gregory e a polícia, não havia outra explicação: ele não cometera suicídio, havia sido assassinado. E sua mulher era a suspeita mais provável.

Ainda assim, os investigadores teriam dificuldade em provar o crime. A polícia não conseguiu determinar como o fentanil foi administrado. Não havia na cena do crime nenhuma seringa, nenhum adesivo para a aplicação de substâncias. E, como a polícia não examinou o copo com líquido ao lado da cama, a possibilidade de Gregory ter obtido e ingerido o fentanil, embora remota, não podia ser descartada.

Outro desafio: estabelecer a procedência do fentanil. O instituto de medicina legal onde Kristin trabalhava providenciou uma auditoria interna. Os resultados foram surpreendentes. Em sete dos oito casos recentes em que a metanfetamina foi usada como prova, algumas ou todas as amostras haviam desaparecido, bem como pequenas quantidades de oxicodona e clonazepam. Quinze adesivos de fentanil apreendidos também haviam sumido e uma ampola de dez miligramas de fenta-

nil puro, mantida como amostra de referência para testes de comparação, estava vazia.

Em 4 de dezembro, cerca de uma semana depois de admitir à polícia que tinha problema com drogas, Kristin foi demitida. Robertson também foi dispensado por não tê-la denunciado. Na mesa de trabalho da jovem, foram encontrados um envelope de provas (usado para guardar drogas) vazio e um cachimbo com vestígios de metanfetamina e com o DNA dela no tubo. Em sua mesa, colegas acharam bilhetes de amor e pétalas de rosa e, na sala de Robertson, mais de 30 artigos explicando como usar e detectar fentanil.

Robertson voltou para a Austrália em maio de 2001, um mês antes da prisão de Kristin. Embora ainda sob investigação, ele insiste que não teve participação na morte de De Villers. No julgamento de Kristin Rossum por homicídio qualificado em novembro de 2002, o júri examinou as provas e chegou ao veredicto: culpada. Na audiência ocorrida em 12 de dezembro, a jovem de 26 anos foi sentenciada à prisão perpétua sem direito a liberdade condicional.

Uma importante evidência contra Kristin foram as pétalas de rosa. Os promotores exploraram ao máximo o fato de ela ter dito a uma amiga que um de seus filmes favoritos era *Beleza americana*, no qual o ator Kevin Spacey, que é morto no fim, deseja uma jovem que ele fantasia salpicada de pétalas de rosa. Também se concentraram na alegação de Kristin de que, ao encontrar Gregory frio e imóvel, havia puxado a roupa de cama e visto seu corpo coberto de pétalas.

Seguindo as instruções do atendente da Emergência, ela o arrastou para o chão a fim de tentar ressuscitá-lo. Mas não ficou uma única pétala no colchão nem sob o corpo, onde, de acordo com os promotores, elas deveriam ter caído quando ela o puxou da cama. No local, junto a De Villers, a polícia encontrou uma haste de rosa desfolhada e o que pareciam ser pétalas frescas. No dia em que Gregory morreu, Kristin passou no supermercado para comprar algo para o almoço e pagou com o cartão da loja. O registro foi realizado às 12h41. Além de sopa, remédio para resfriado e um isqueiro Bic, o recibo mostra a compra de uma única rosa.

FANTASIADO

Meu caçula preparava-se para a primeira comunhão e comprei-lhe um terno. A idéia que ele faz de estar bem vestido é uma camiseta e calça jeans. Após muita discussão, ele concordou em vestir a roupa. Mas o ouvi lamentar:

- Deus nunca vai me reconhecer.



NORMA HALL, EUA